REFLEXÃO

DOSSIÊ

Espiritualidade como Mecanismo de Prevenção do Suicídio: um olhar sobre seu impacto e relevância

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Apoio
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) Nº 20/2024

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
3 mar. 2026

Versão Final
16 jun. 2026

Aprovado
18 jun. 2026

O tema do suicídio nas Revistas da Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus: entre moral religiosa e saúde mental

The theme of suicide in the Sunday School Magazines of the Assemblies of God: between religious morality and mental health

Valdinei Ramos **Gandra**[1]

[1] Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade. Caçador, SC, Brasil. *E-mail*: <valdineigandra@gmail.com>.

Como citar este artigo: Gandra, V.R. O tema do suicídio nas Revistas da Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus: entre moral religiosa e saúde mental. *Reflexão*, v. 51, e2618777, 2026. https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e18777.

Resumo

O artigo analisa os enquadramentos temáticos e as mediações morais presentes na catequese das Assembleias de Deus sobre o suicídio, tomando como corpus duas lições da Escola Bíblica Dominical, publicadas nos anos de 2002 e 2018. A investigação adota abordagem qualitativa, de natureza documental e interpretativa, articulando análise temática de conteúdo religioso e referenciais da sociologia da religião e da saúde mental. Parte-se do pressuposto de que a catequese não apenas transmite doutrina, mas também produz esquemas morais de inteligibilidade do sofrimento psíquico e orienta práticas pastorais. Os resultados indicam que ambas as lições estruturam o suicídio predominantemente como problema espiritual e moral, associado à desobediência a Deus, à fragilidade da fé e à influência demoníaca, ainda que reconheçam, de modo secundário, a relevância do tratamento médico e psicológico. Observa-se uma oscilação entre condenação teológica do ato e tentativa de acolhimento pastoral, produzindo tensões entre discurso normativo e discurso terapêutico. Verifica-se, ainda, a ausência de orientações sistemáticas sobre identificação de risco, encaminhamento a serviços especializados e acolhimento de sobreviventes e enlutados, bem como a não consideração de grupos sociais em maior vulnerabilidade ao suicídio. Conclui-se que a catequese das Assembleias de Deus opera como dispositivo moral que regula sentidos sobre vida, sofrimento e morte, oferecendo proteção simbólica, mas também podendo produzir efeitos de culpabilização religiosa quando não distingue adequadamente transtornos mentais de falhas espirituais.

Palavras-chave: Ensino confessional. Moralidade. Religião e saúde. Sofrimento psíquico. Suicídio.

Abstract

The article analyzes the thematic framings, and moral mediations present in the catechesis of the Assemblies of God regarding suicide, taking as its corpus two Sunday School lessons published in 2002 and 2018. The investigation adopts a qualitative approach of a documentary and interpretive nature, articulating thematic analysis of religious content with theoretical frameworks from

CC BY

the sociology of religion and mental health. It proceeds from the assumption that catechesis not only transmits doctrine but also produces moral schemes of intelligibility of psychic suffering and orients pastoral practices. The results indicate that both lessons predominantly structure suicide as a spiritual and moral problem, associated with disobedience to God, weakness of faith, and demonic influence, while secondarily acknowledging the relevance of medical and psychological treatment. An oscillation is observed between theological condemnation of the act and attempts at pastoral care, generating tensions between normative discourse and therapeutic discourse. The analysis further identifies the absence of systematic guidance on risk identification, referral to specialized services, and the care of survivors and the bereaved, as well as the lack of consideration of social groups at greater vulnerability to suicide. It is concluded that Assemblies of God catechesis operates as a moral apparatus that regulates meanings of life, suffering, and death, providing symbolic protection but also potentially producing effects of religious blame when it fails to adequately distinguish mental disorders from spiritual failings.

Keywords: *Confessional education. Morality. Religion and health. Psychic suffering. Suicide.*

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o suicídio constitui um grave problema de saúde pública global, tendo sido reconhecido como prioridade internacional no relatório *Preventing suicide*: *a global imperative* (Organização Mundial da Saúde, 2014). Estimativas mais recentes indicam que aproximadamente 727 mil pessoas morrem anualmente em todo o mundo por essa causa. A situação mostra-se particularmente grave nos países de baixa e média renda, nos quais se concentram aproximadamente 73% dos óbitos, evidenciando sua relação com desigualdades estruturais persistentes. Embora as taxas globais tenham apresentado tendência de queda entre 2000 e 2019, com redução aproximada de 36%, no mesmo período observou-se aumento de cerca de 17% na região das Américas. No Brasil, ainda que os coeficientes permaneçam inferiores aos de alguns países, identifica-se uma tendência consistente de crescimento nas últimas décadas. Segundo dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde:

> No ano de 2021 foram contabilizados 15.507 suicídios. Destes, 77,8% ocorreram no sexo masculino. Nesse mesmo ano, o suicídio representou a 27ª causa de morte no país, afetando principalmente a população adolescente e adulta jovem. Entre crianças e adolescentes de 5 a 14 anos, o suicídio representou a 11ª causa de morte, ao passo que entre adolescentes e jovens de 15 a 19 anos e 20 a 29 anos foi, respectivamente, a terceira e quarta maior causa de mortalidade, caindo para a 9ª posição entre adultos de 30 a 49 anos, 34ª na faixa de 50 a 69 anos e 58ª na faixa de 70 anos e mais (Brasil, 2024).

As desigualdades associadas ao suicídio manifestam-se de modo expressivo segundo critérios de sexo, idade, raça/cor e condições sociais. Os homens concentram a maior parte dos óbitos, sobretudo em faixas etárias mais avançadas, enquanto entre as mulheres observa-se maior prevalência de tentativas e ideação suicida, especialmente na adolescência. Destacam-se ainda taxas proporcionalmente mais elevadas entre populações indígenas, bem como o crescimento dos registros de violências autoprovocadas entre adolescentes, jovens adultos e grupos socialmente vulnerabilizados, como pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e outras identidades e orientações (LGBTQIA+) (Brasil, 2024; Fundação Oswaldo Cruz, 2025). Esses dados reforçam a necessidade de abordagens analíticas que considerem o suicídio para além de explicações estritamente biomédicas ou individualizantes. Ainda que a literatura epidemiológica identifique correlação recorrente entre suicídio e transtornos mentais, especialmente depressão, transtornos de ansiedade e uso problemático de substâncias, tais condições não atuam de modo autônomo ou suficiente. O suicídio configura-se como resultado de um processo complexo no qual se articulam dimensões psíquicas, sociais, culturais,

morais e existenciais, envolvendo, entre outros fatores, experiências de violência, exclusão social, deterioração das condições materiais de existência e enfraquecimento dos vínculos comunitários.

Nesse contexto, as instituições religiosas assumem papel socialmente relevante na produção de sentidos sobre o sofrimento, a vida e a morte. Em sociedades marcadas por forte presença confessional, as comunidades de fé frequentemente se constituem como espaços de acolhimento, orientação moral e mediação simbólica diante do sofrimento psíquico. Inversamente, interpretações religiosas moralizantes ou espiritualizantes do adoecimento mental podem reforçar estigmas, silenciar a dor e dificultar o acesso a cuidados especializados. A forma como o suicídio é tematizado, ou silenciado, nos discursos religiosos torna-se, assim, objeto legítimo de investigação acadêmica. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa a abordagem conferida ao tema do suicídio nas Revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD) das Assembleias de Deus (ADs), denominação fundada em 1911 por Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários suecos oriundos da tradição batista e influenciados pelo movimento pentecostal estadunidense da primeira década do século XX. Após desligarem-se da Igreja Batista de Belém do Pará, a nova comunidade inicialmente denominada Igreja Missão da Fé Apostólica passou a adotar oficialmente o nome Assembleia de Deus em 1918.

Embora marcada por significativa fragmentação interna, essa tradição configura-se como a maior vertente pentecostal do país. Os dados do Censo Demográfico de 2010 já indicavam aproximadamente 12,3 milhões de fiéis vinculados às Assembleias de Deus, o que evidencia seu peso institucional na formação religiosa e moral de amplos segmentos da população brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). A Escola Bíblica Dominical apresenta-se, desde suas origens, como o principal dispositivo catequético assembleiano, responsável pela formação doutrinária dos fiéis e de seus dirigentes. As revistas produzidas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), vinculada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), possuem ampla circulação nacional e funcionam como instrumentos oficiais de normatização teológica, ética e pastoral. Quando temas como suicídio, sofrimento psíquico e sentido da vida são incorporados ao conteúdo dessas publicações, tal escolha editorial expressa uma tomada de posição institucional diante de crises existenciais contemporâneas.

Dessa forma, a presente pesquisa realiza uma análise documental das revistas da EBD que abordam explicitamente o suicídio. Para fins de transparência metodológica, trata-se de levantamento sistemático no acervo de revistas da CPAD entre 2000 e 2025, com foco nas classes dos adultos e busca por descritores relacionados a "suicídio", conforme os critérios de inclusão explicitados na seção Metodologia. Foram identificadas duas lições dedicadas exclusivamente ao tema, publicadas nos anos de 2002 e 2018. O objetivo consiste em compreender como o ensino confessional é mobilizado como recurso de enfrentamento, mecanismo de contenção da ideação suicida e instrumento de cuidado pastoral. Ao examinar esses materiais, busca-se analisar os enquadramentos teológicos, morais e simbólicos por meio dos quais a catequese assembleiana produz sentidos sobre o suicídio, situando-os na intersecção entre religião, saúde mental e vida social nas duas lições analisadas.

Espiritualidade, religiosidade e suicídio: mediações simbólicas e oscilação no cuidado

Na perspectiva de Durkheim (2004), o suicídio se apresenta como fato social, sensível às formas de integração e regulação produzidas pelas coletividades. Essa perspectiva permite compreendê-lo não apenas como evento individual, mas como fenômeno atravessado por sistemas normativos, valores morais e estruturas simbólicas que condicionam sua inteligibilidade social. No

interior desses sistemas, a religião ocupa lugar específico enquanto instância produtora de sentidos sobre sofrimento, vida e morte. As tradições religiosas não apenas interpretam o suicídio à luz de doutrinas e narrativas sagradas, mas também oferecem quadros morais que orientam condutas e expectativas. Na perspectiva de Berger (1985) a religião pode ser conceituada como um "*nomos*" simbólico, com isso seria capaz de legitimar experiências limites, integrando o sofrimento a uma ordem de sentido mais ampla. Tal função não é neutra, sendo que ela produz efeitos normativos sobre o modo como a dor psíquica é percebida, reconhecida ou silenciada.

Em outra frente, Bourdieu (2011) contribui para essa discussão ao compreender o campo religioso como espaço de disputas simbólicas pela definição legítima do mundo social. Nesse campo, agentes religiosos especializados, como os teólogos assembleianos responsáveis pelo discurso catequético, detêm capital simbólico para nomear o sofrimento, prescrever respostas e estabelecer fronteiras entre o aceitável e o condenável. A catequese, nesse contexto, pode ser entendida como tecnologia pedagógica de inculcação de esquemas de percepção e avaliação moral, funcionando como mecanismo de reprodução simbólica de disposições religiosas.

Quanto à relação entre espiritualidade e saúde mental, alguns estudos apontam que espiritualidade e religiosidade, embora conceitos distintos (Braam; Koenig, 2019), exercem influência variável sobre o sofrimento psíquico e o comportamento suicida, podendo atuar tanto como mediações simbólicas de cuidado quanto como fatores de intensificação do risco, a depender da forma como são vivenciadas, transmitidas e institucionalmente reguladas mantém-se, na análise do corpus, a distinção operacional entre "espiritualidade" e "religiosidade" tal como assinalada na literatura citada. Estudos recentes indicam que não há relação linear ou automática entre níveis elevados de religiosidade/espiritualidade e redução do risco suicida. Trata-se, ao contrário, de uma relação complexa, condicionada por fatores psicológicos, sociais, morais e existenciais, que exige análise cuidadosa e contextualizada (Duailibe *et al.*, 2024; Oliveira *et al.*, 2025). Ademais, a relação entre religiosidade/espiritualidade é atravessada por questões socioculturais e teológicas intrínsecas a cada contexto geográfico.

Assim, mais do que identificar "fatores de proteção", torna-se necessário compreender os modos pelos quais a espiritualidade estrutura sentidos, orienta práticas e regula moralmente a experiência do sofrimento. Nesse sentido, um dos principais eixos identificados na literatura refere-se à produção de sentido de vida e propósito existencial. Pesquisas apontam que a percepção de ausência de sentido está associada ao aumento da ideação suicida, especialmente em contextos de crise, perda e desamparo (Duailibe *et al.*, 2024; Saldanha; Barbosa, 2024). A religiosidade e a espiritualidade, ao oferecerem narrativas que transcendem as circunstâncias imediatas da dor, possibilitam a reinscrição simbólica do sofrimento em horizontes mais amplos de significado. Nesse registro, a esperança em uma redenção futura, em uma divindade solidária ao sofrimento humano ou em uma vida dotada de sentido último não deve ser compreendida como "antídoto" ao desespero, mas como enquadramento narrativo que pode sustentar a permanência na vida em situações-limite. Trata-se, portanto, de uma mediação simbólica cuja eficácia depende do modo como o sofrimento é reconhecido, nomeado e legitimado no interior da experiência religiosa.

Outro eixo amplamente discutido refere-se ao *coping* (enfrentamento) religioso e espiritual. Estudos sobre estratégias de enfrentamento indicam que indivíduos religiosos tendem a mobilizar crenças, práticas e rituais como formas de lidar com situações adversas, incluindo sofrimento psíquico intenso (Duailibe *et al.*, 2024). Práticas como oração, meditação, leitura de textos sagrados e participação em rituais comunitários podem oferecer estrutura simbólica, previsibilidade e sensação de amparo, contribuindo para a elaboração da angústia. A literatura distingue, contudo,

entre formas de *coping* religioso positivo, associadas à confiança, à busca de sentido e ao apoio, e *coping* religioso negativo, marcado por sentimentos de punição divina, abandono espiritual e culpa exacerbada, que pode intensificar o sofrimento e a desesperança (Oliveira *et al.*, 2025). Assim, o *coping* religioso não constitui variável neutra ou intrinsecamente protetiva, mas modo culturalmente regulado de enfrentar a dor, cuja direção depende do conteúdo das crenças e do contexto comunitário em que são mobilizadas.

A dimensão comunitária da religiosidade constitui outro aspecto central. A participação em comunidades religiosas pode oferecer experiências de pertencimento, reconhecimento e apoio social, elementos frequentemente associados à redução do isolamento e à ampliação das redes de cuidado (Duailibe *et al.*, 2024). A comunidade de fé pode funcionar como espaço de escuta, acolhimento e suporte emocional, desempenhando papel relevante na contenção da ideação suicida. Entretanto, essa mesma comunidade também opera como instância de regulação moral, na qual normas, valores e expectativas são transmitidos, reforçados e, por vezes, sancionados. A presença comunitária, portanto, não deve ser compreendida apenas como fator de proteção, mas como espaço de complexidades, capaz tanto de acolher quanto de silenciar, julgar ou responsabilizar moralmente indivíduos em sofrimento (Andrade *et al.*, 2020). Reconhecer essa complexidade é fundamental para evitar leituras idealizadas da religiosidade. A literatura destaca que crenças rígidas, dogmatismos morais, interpretações literalistas do pecado e discursos religiosos centrados na culpabilização podem elevar o risco suicida, especialmente quando associados a conflitos espirituais intensos. Tais conflitos incluem dilemas morais, rupturas com a comunidade de fé, sentimentos de indignidade espiritual e experiências de fracasso religioso, frequentemente observados em quadros de sofrimento psíquico grave (Esperandio; Fernandes; Hefti, 2022).

No interior da tradição cristã, por exemplo, o suicídio é historicamente compreendido como violação do mandamento "não matarás" e como negação da vida enquanto dom pertencente a Deus. Essa posição, contudo, apresenta variações internas e distinções relevantes, como a separação entre o suicídio entendido como autodestruição motivada por desespero e formas de autossacrifício associadas a vocação ou missão divina, como no martírio. Ainda assim, quando mobilizada de forma normatizante e descontextualizada, essa tradição pode reforçar sentimento de culpa e interditar a expressão legítima do sofrimento. Dessa forma, a literatura contemporânea con*verge* ao indicar que o impacto da religiosidade sobre o comportamento suicida depende menos da presença abstrata da fé e mais da qualidade da experiência religiosa, da forma como a espiritualidade é vivenciada pessoalmente e, sobretudo, de como é ensinada e transmitida institucionalmente. A mensagem religiosa veiculada, os enquadramentos morais privilegiados e os dispositivos pedagógicos utilizados desempenham papel decisivo na definição de se a religiosidade funcionará como mediação simbólica de cuidado ou como amplificador de risco (Oliveira *et al.*, 2025).

É nesse ponto que a análise da catequese religiosa adquire centralidade. A catequese não se reduz à transmissão de conteúdos doutrinários, mas constitui processo educativo que forma consciências, orienta práticas pastorais e regula modos de interpretar o sofrimento humano. Examinar como materiais catequéticos abordam o suicídio permite compreender não apenas a posição teológica oficial de uma denominação, mas também os recursos espirituais e morais que ela oferece (ou deixa de oferecer) a indivíduos e comunidades confrontados com crises suicidas. Nesse sentido, a análise das Revistas da EBD torna-se espaço privilegiado para investigar como espiritualidade, culpa, esperança, desamparo e responsabilidade moral são articulados institucionalmente diante de uma questão existencial crítica nas lições analisadas.

Metodologia: análise documental e temática em perspectiva interpretativista

É preciso esclarecer que a pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza documental, orientada por perspectiva interpretativa, em diálogo com investigações que analisam a interface entre espiritualidade, religião e saúde. Parte-se do pressuposto de que o sofrimento psíquico e o suicídio não podem ser plenamente compreendidos apenas por modelos causais lineares, sobretudo quando mediados por instituições religiosas e por sistemas simbólicos historicamente situados. O interesse analítico recai, portanto, sobre os modos pelos quais discursos institucionais produzem sentidos sobre vida, morte e desamparo, entendendo tais produções como práticas sociais atravessadas por disputas normativas e relações de poder, conforme indicado pelas abordagens qualitativas no campo das ciências humanas aplicadas à saúde (Minayo, 2008).

O estudo caracteriza-se como pesquisa documental, uma vez que se fundamenta em materiais elaborados com finalidade pedagógica e institucional, e não científica. Diferentemente da pesquisa bibliográfica, os documentos analisados exigem tratamento metodológico específico que considere seu contexto de produção, circulação e uso social (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009). Nesse sentido, os materiais catequéticos são compreendidos como dispositivos discursivos que participam da produção e da regulação simbólica no interior do campo religioso, especialmente na formação moral dos fiéis. Além disso, a análise é conduzida a partir de um princípio de distanciamento analítico próprio das Ciências da Religião, que pressupõe a suspensão de juízos confessionais e a recusa de critérios de validação teológica. Tal postura implica que os conteúdos examinados não são avaliados segundo sua verdade religiosa, mas interpretados enquanto produções simbólicas dotadas de efeitos normativos no campo religioso (Stern, 2020). Esse posicionamento permite examinar criticamente a catequese sem convertê-la em objeto de legitimação confessional ou de refutação doutrinária, preservando a distinção entre análise científica e adesão de fé.

Desde o início, reconhece-se que as Assembleias de Deus no Brasil (a partir de agora ADs) não constituem um corpo institucional homogêneo. O campo assembleiano é marcado por fragmentação organizacional, diferentes convenções e arranjos ministeriais, o que impede tratá-lo como unidade doutrinária estável. Estudos sociológicos apontam múltiplas formas de assembleianismo, como o rural, urbano, autônomo e difuso, além de outras variações que extrapolam classificações tipológicas rígidas (Alencar, 2012). Tal reconhecimento fundamenta o recorte metodológico adotado neste estudo. Desse modo, o corpus documental foi delimitado a materiais catequéticos publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), vinculada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

A escolha decorre da ampla circulação nacional desses materiais e de sua função na difusão de orientações doutrinárias e morais. Ressalta-se que esse recorte não pretende representar a totalidade do campo assembleiano, mas incide sobre uma de suas instâncias editoriais mais institucionalizadas. Esses documentos são tratados como produções institucionais dotadas de intencionalidade pedagógica e normativa, constituindo fontes privilegiadas para a análise dos enquadramentos morais mobilizados na catequese assembleiana (Cellard, 2008). O corpus compreende materiais publicados entre 2000 e 2025, tendo como critério de inclusão lições que tratam especificamente do suicídio com busca e triagem documentadas conforme procedimento descrito na Introdução. Quando disponíveis, materiais de suporte pedagógico (comentários e manuais do professor) foram consultados para orientar a interpretação dos enunciados e reconhecer indicações de mediação didática, sem extrapolar o escopo documental.

Após levantamento sistemático das publicações do período delimitado, foram identificadas duas lições que abordam diretamente o tema do suicídio. A primeira integra o terceiro trimestre de 2002, voltado a jovens e adultos, sob o tema geral *Ética Cristã*: *confrontando as questões morais*, de autoria do Pr. Elinaldo Renovato, sendo a lição nove intitulada *O cristão, a eutanásia e o suicídio*. A segunda foi publicada no segundo trimestre de 2018, destinada à classe dos adultos, sob o tema geral *Valores Cristãos*: *enfrentando as questões morais de nosso tempo*, de autoria do Pr. Douglas Baptista, tendo como título *Ética Cristã e suicídio*. Essas duas lições constituem o núcleo empírico da análise.

O procedimento analítico orienta-se por pressupostos de uma análise temática, de orientação qualitativa e interpretativa, aplicada ao campo religioso, entendendo as categorias temáticas como construções analíticas que organizam sentidos e disposições morais presentes nos materiais analisados (Dias; Mishima, 2023). O foco não recai sobre intenções subjetivas dos autores nem sobre a recepção dos conteúdos, mas sobre os enquadramentos temáticos institucionalmente mobilizados e seus efeitos normativos. A análise envolveu leitura sistemática dos documentos, identificação de recorrências temáticas e construção de categorias analíticas em articulação entre o referencial teórico e os dados empíricos (Lima Junior *et al.*, 2021; Minayo, 2008). Entre as categorias mobilizadas destacam-se: sofrimento e desamparo; culpa e responsabilidade moral; esperança e sentido da vida; mediações comunitárias; concepções de vida, corpo e morte. Tais categorias permitem articular o plano temático às estruturas simbólicas mais amplas que informam a catequese assembleiana, em diálogo com a sociologia da religião, nas lições analisadas (Bourdieu, 1996). Do ponto de vista ético, a pesquisa não envolve participantes humanos nem dados sensíveis, baseando-se exclusivamente em documentos de circulação pública. Ainda assim, reconhece-se que o tratamento do tema exige cautela analítica, evitando tanto a patologização da experiência religiosa quanto a normatização indevida da experiência espiritual segundo parâmetros biomédicos. Não se pretende estabelecer relações causais entre catequese e prevenção do suicídio, nem inferir efeitos comportamentais diretos, mantendo o foco nos sentidos produzidos institucionalmente e reconhecendo a mediação de fatores sociais, culturais e subjetivos no material da CPAD considerado.

A catequese assembleiana diante do suicídio: enquadramentos temáticos e mediações morais

Antes de discutir o tema do suicídio nas Revistas da Escola Bíblica Dominical, considera-se pertinente apresentar, ainda que de modo sucinto, uma contextualização do modo como o campo assembleiano tem enfrentado temas emergentes. Parte da literatura sobre o assembleianismo aponta para um arrefecimento da expectativa escatológica e da disciplina ascética que caracterizaram esse segmento até as décadas de 1980 e 1990 (Gandra, 2021). Soma-se a isso a intensificação da concorrência no campo religioso pentecostal, especialmente com a emergência e consolidação de igrejas identificadas como neopentecostais (Mariano, 2005). Embora tais transformações permaneçam em curso, observa-se um processo de acomodação à sociedade contemporânea, frequentemente descrito como *aggiornamento* assembleiano (Costa, 2017). Nesse movimento, o progressivo abandono da doutrina dos usos e costumes, a inserção nas disputas políticas e ideológicas e a incorporação de teologias de orientação imediatista, como a teologia da prosperidade, impulsionam a instituição a se posicionar diante de questões sensíveis do debate público (Gandra, 2021). Essas mudanças tendem a se expressar nos discursos catequéticos, sobretudo nas Revistas da EBD, que possuem ampla circulação nacional.

As duas revistas que contêm lições sobre o suicídio ilustram o enfrentamento de temáticas que anteriormente ocupavam posição marginal na catequese assembleiana. Isso se evidencia na edição de 2002, cujas lições abordam, entre outros temas: a ética cristã frente à ética dos homens; os dez mandamentos; guerra; aborto; planejamento familiar; sexualidade; divórcio; pena de morte; eutanásia e suicídio; doação de órgãos; finanças; vícios e jogos; e política. De modo semelhante, a edição de 2018 contempla temas como: ética cristã e ideologia de gênero; direitos humanos; aborto; pena de morte e eutanásia; suicídio; doação de órgãos; sexualidade; planejamento familiar; vida financeira; vícios e jogos; política; e redes sociais.

Apresentado o contexto geral em que se insere o debate sobre o suicídio, passa-se à análise das duas lições das Revistas da Escola Bíblica Dominical da Assembleia de Deus que tratam explicitamente do tema. Inicialmente, ambas permitem compreender como a catequese assembleiana constrói enquadramentos temáticos e mediações morais diante de uma questão existencial crítica. Longe de constituir mero repositório doutrinário, a catequese opera como um arranjo pedagógico-institucional que regula sentidos, afetos e práticas, produzindo formas específicas de interpretação do sofrimento, da vida e da morte. A leitura comparativa das lições publicadas em 2002 e 2018 evidencia tanto continuidades estruturais, quanto deslocamentos temáticos, que iluminam a complexidade da relação entre espiritualidade/religiosidade e prevenção do suicídio nas lições analisadas.

A Lição nove, publicada em 2002 sob o título *O cristão, a eutanásia e o suicídio*, organiza o tema a partir de um enquadramento fortemente normativo, no qual a legitimidade da discussão é subordinada à autoridade das Escrituras. A "verdade prática", apresentada no início da lição, afirma que: "O término da vida provocado pelo homem, sua abordagem pelo crente não deve basear-se em raciocínio, filosofias e justificativas puramente humanas, mas nas Escrituras respeitante ao vasto assunto da vida" (Renovato, 2002, p. 41). O suicídio é tratado em estreita associação com a eutanásia, compondo um continuum moral da "morte induzida", avaliado à luz do sexto mandamento e da soberania divina sobre a vida e a morte. A introdução da lição apresenta um caso hipotético envolvendo um crente em estado terminal, a partir do qual se formulam perguntas sobre a interrupção do tratamento e o desligamento de aparelhos. Em seguida, afirma-se: "Muitos têm recorrido ao suicídio, como se fosse uma porta de emergência para escapar da dor. O que podemos dizer como cristãos acerca disso?" (Renovato, 2002, p. 42). O debate é, assim, deslocado da esfera da autonomia individual para a da obediência religiosa.

No que se refere ao sofrimento e ao desamparo, a lição reconhece a existência de situações-limite, como a dor intensa e o sofrimento extremo, mas as reinscreve em uma gramática teológica da prova e da perseverança. Isso se expressa na evocação de personagens bíblicos que atravessaram crises profundas e foram resgatados pela intervenção divina. O suicídio, por sua vez, é associado a figuras bíblicas que teriam desobedecido à vontade de Deus, deslocando a inteligibilidade do sofrimento para o campo da virtude e da fraqueza moral. O sofrimento é admitido, mas deve ser pedagogicamente reorientado para a reafirmação da fé, evitando-se a "morbidez" e preservando-se um clima afetivo controlado.

Nesse quadro, a categoria da culpa e da responsabilidade moral ocupa posição central. O suicídio é qualificado como fracasso, orgulho e falta de temor de Deus, sendo interpretado como desistência da vida e da própria fé. A leitura exemplarista de narrativas bíblicas reforça uma etiologia moral do ato, associando-o à desobediência. Essa gramática funciona como barreira normativa, mas também pode intensificar processos de autoacusação e silenciamento do sofrimento em sujeitos vulneráveis. No eixo da esperança e do sentido da vida, sustenta-se que a continuidade da

existência constitui dever moral, independentemente das circunstâncias. A esperança é formulada como disciplina da expectativa, ancorada na perseverança e na confiança na providência divina. Segundo a lição, "a vida é sagrada e somente Deus pode dar e tirar a vida" (Renovato, 2002, p. 44). Não se observam, de modo sistemático, orientações operacionais voltadas ao reconhecimento de sinais de risco ou à articulação com serviços de saúde, o que reforça o predomínio do registro normativo nesse material.

A Lição seis, publicada em 2018 sob o título *Ética cristã e suicídio*, mantém o núcleo normativo-teológico presente em 2002, mas introduz deslocamentos temáticos relevantes. O tema da eutanásia é separado do suicídio; são mencionados dados da Organização Mundial da Saúde e campanhas como o "Setembro Amarelo", como referido na própria lição; reconhece-se que o suicídio atravessa a realidade das igrejas locais; e incorpora-se vocabulário biomédico e psicológico, como depressão e transtornos de humor. Esse reconhecimento amplia o horizonte de inteligibilidade do fenômeno, ainda que permaneça subordinado ao enquadramento teológico. Além do fundamento doutrinal, apresenta-se uma fundamentação ética segundo a qual o suicídio banaliza a vida, viola o mandamento do amor ao próximo, expressa egoísmo, revela falta de confiança em Deus e interrompe a missão conferida por Ele (Baptista, 2018).

No tratamento do sofrimento e do desamparo, a lição de 2018 nomeia de forma mais direta a dor psíquica, recorrendo a metáforas como o "calabouço da depressão". O sofrimento passa a ser reconhecido como condição que demanda cuidado e intervenção, embora continue orientado por uma finalidade normativa de superação. Em seção dirigida aos docentes, recomenda-se que pessoas em sofrimento sejam orientadas a buscar ajuda profissional paralelamente à terapia espiritual (Baptista, 2018), o que sugere abertura temática à cooperação com a rede de saúde, sem configurar protocolo formalizado. Quanto à culpa e à responsabilidade moral, observa-se uma atenuação relativa. O suicídio continua sendo interpretado como afronta à soberania divina, mas a culpabilização direta do sujeito é mitigada pela referência a transtornos mentais tratáveis. A responsabilidade é parcialmente redistribuída, pois a igreja é convocada a "militar pela vida", assumindo papel ativo na prevenção (Baptista, 2018, p. 43).

No eixo da esperança e do sentido da vida, estabelece-se uma articulação entre fé e cuidado. A esperança permanece ancorada na soberania divina, mas passa a incluir explicitamente a busca por ajuda profissional. O sentido da vida deixa de se reduzir à perseverança moral e passa a incorporar uma ética do cuidado que reconhece a legitimidade da espiritualidade em paralelo ao tratamento em saúde mental. As mediações comunitárias adquirem maior densidade operacional, ao serem apresentadas como espaço de prevenção e encaminhamento, ainda que sem protocolos institucionais formalizados nas lições analisadas. Persistem, contudo, mecanismos de regulação simbólica que reafirmam que o suicídio não corresponde à vontade divina. A concepção de vida, corpo e morte permanece inalterada em seus fundamentos heteronômicos. A introdução de exemplos históricos e de referências a transtornos mentais gera tensões internas, sem desestabilizar o núcleo teológico. Acrescenta-se, nesse contexto, uma inflexão ideológica explícita, associando o aumento do suicídio a ideologias que exaltariam a autonomia individual em detrimento da soberania divina (Baptista, 2018), em um cenário marcado por polarização política.

Comparativamente, observa-se continuidade estrutural com deslocamentos temáticos relevantes. Em ambos os casos, a catequese assembleiana opera sob um regime normativo-teológico que regula o suicídio como limite moral. O deslocamento de 2018, com maior reconhecimento do sofrimento psíquico e abertura ao cuidado profissional, não rompe com esse núcleo, mas o reconfigura. Produz-se, assim, uma forma específica de cuidado religioso sob regulação moral.

A espiritualidade em*erge* como mediação ambígua: pode sustentar esperança, pertencimento e contenção simbólica, mas também pode intensificar culpa, silenciamento e inadequação quando o sofrimento é interpretado prioritariamente como falha moral ou espiritual. Essa ambivalência é central para compreender o papel da catequese assembleiana nas interfaces entre espiritualidade, saúde mental e prevenção do suicídio nas duas lições analisadas.

Considerações Finais

Este artigo analisou os modos pelos quais a catequese assembleiana aborda o tema do suicídio por meio das revistas da Escola Bíblica Dominical publicadas pela CPAD nos anos de 2002 e 2018, tomadas como documentos institucionais estratégicos para a produção e circulação de sentidos religiosos. A partir de uma abordagem qualitativa, documental e temática, orientada por categorias analíticas previamente definidas (sofrimento e desamparo; culpa e responsabilidade moral; esperança e sentido da vida; mediações comunitárias; concepções de vida, corpo e morte), buscou-se compreender os enquadramentos simbólicos e normativos mobilizados pela denominação diante de uma questão existencial crítica no material da CPAD considerado.

Os resultados evidenciam uma continuidade estrutural marcada pela centralidade da soberania divina sobre a vida e o corpo, pela crítica à autonomia individual e pela interpretação do suicídio como transgressão moral. Esse núcleo normativo, presente tanto em 2002 quanto em 2018, confere à catequese uma função reguladora que opera como limite simbólico. Ao mesmo tempo, a análise comparativa revela deslocamentos temáticos relevantes, na medida em que a lição de 2018 amplia a inteligibilidade do fenômeno ao reconhecer explicitamente o sofrimento psíquico, incorporar linguagem biomédica e convocar a comunidade religiosa a atuar de modo preventivo, inclusive por meio do encaminhamento a cuidados profissionais. Tais deslocamentos, contudo, não configuram ruptura com o regime normativo anterior, mas sua reconfiguração. O cuidado religioso passa a ser articulado a práticas de prevenção e tratamento, permanecendo, entretanto, sob forte regulação moral e teológica. Nessa perspectiva, a espiritualidade não opera como variável causal direta na prevenção do suicídio, mas como mediação simbólica atravessada por ambivalências, podendo sustentar esperança, pertencimento e contenção simbólica, ao mesmo tempo que pode intensificar culpa, silenciamento e inadequação quando o sofrimento é interpretado prioritariamente como falha moral ou espiritual.

A leitura crítica permite identificar desafios e lacunas relevantes. Em primeiro lugar, embora a lição de 2018 reconheça a importância do tratamento profissional em saúde mental, o espaço dedicado a orientações práticas de prevenção permanece limitado nas lições analisadas. Reconhece-se que pessoas em risco suicida frequentemente ocultam seu sofrimento, mas não se avança na explicitação de sinais de alerta que poderiam contribuir para a capacitação de professores e líderes na identificação precoce do risco, como mudanças abruptas de comportamento, isolamento social, abandono de atividades significativas ou gestos de despedida nas lições analisadas.

Em segundo lugar, a ênfase reiterada na obediência a Deus e na confiança na soberania divina como resposta ao suicídio, ainda que coerente com a tradição assembleiana, pode produzir efeitos ambíguos. Ao sugerir, mesmo que implicitamente, que o suicídio decorre de falta de confiança em Deus, corre-se o risco de intensificar processos de culpabilização do sujeito em sofrimento, que pode vivenciar não apenas desespero, mas também vergonha espiritual ao interpretar sua dor como sinal de fracasso religioso. Essa dinâmica é particularmente problemática em contextos de ideação suicida, nos quais a autoacusação e o isolamento já se encontram exacerbados. Uma distinção

mais clara entre sofrimento psíquico e falha moral poderia mitigar tais efeitos, por exemplo, mediante a afirmação explícita de que depressão e outros transtornos mentais não constituem ausência de fé, mas condições legítimas que requerem cuidado especializado nos termos e limites do material analisado.

Em terceiro lugar, as lições oferecem espaço restrito para a reflexão sobre o acolhimento de pessoas que sobreviveram a tentativas de suicídio e de famílias enlutadas por morte suicida. A literatura sobre cuidado religioso indica que esses sujeitos frequentemente enfrentam incompreensão, julgamento e isolamento no interior de comunidades de fé. A ausência de orientações mais sistemáticas acerca do acolhimento, do uso de linguagem sensível e do manejo comunitário do luto limita o potencial pastoral da catequese e pode contribuir para a reprodução de silenciamentos e estigmatizações nas lições analisadas. Outro limite relevante diz respeito à abordagem genérica adotada pelas lições. Ambas se dirigem a um público abstrato, sem considerar de modo mais detido as realidades específicas de grupos socialmente mais vulneráveis ao comportamento suicida, como mulheres em situação de violência, populações indígenas ou profissionais da saúde submetidos a contextos de esgotamento. Evidências epidemiológicas indicam que o risco suicida se distribui de forma desigual entre grupos expostos a estressores particulares, o que sugere que materiais catequéticos sensíveis a essas especificidades estariam mais alinhados às demandas contemporâneas do campo religioso sem extrapolar o escopo do corpus.

Por fim, observa-se escassa atenção à saúde mental de pastores e líderes religiosos. Estudos recentes indicam que lideranças evangélicas enfrentam níveis elevados de burnout, depressão e sofrimento psíquico, frequentemente associados à sobrecarga de trabalho, à expectativa de invulnerabilidade espiritual e à fragilidade de redes institucionais de apoio. A ausência de orientações específicas sobre autocuidado, normalização da busca por ajuda profissional e construção de redes de suporte entre lideranças constitui uma lacuna significativa, sobretudo considerando o papel central dessas figuras na mediação do sofrimento comunitário no plano temático das lições analisadas.

Do ponto de vista teórico, os achados reforçam a importância de compreender a religião não como esfera homogênea ou intrinsecamente protetiva, mas como campo de produção de sentidos atravessado por tensões entre cuidado e regulação. A catequese, enquanto dispositivo pedagógico-institucional, exerce papel decisivo na formação de disposições morais, na orientação das práticas religiosas e na definição dos limites do dizível acerca do sofrimento psíquico e da morte. No plano ético e prático, os resultados sugerem que iniciativas religiosas de prevenção do suicídio tendem a ser mais consistentes quando a espiritualidade é mobilizada como espaço de reconhecimento do sofrimento, escuta qualificada e articulação com redes de cuidado em saúde, e não como mecanismo de culpabilização ou silenciamento conforme evidenciado no material da CPAD considerado.

Este estudo apresenta limitações inerentes ao seu desenho metodológico, na medida em que se concentrou na análise de documentos institucionais, sem contemplar a recepção dos conteúdos por professores, lideranças ou fiéis. Pesquisas futuras podem avançar por meio de abordagens etnográficas, entrevistas ou estudos comparativos com outras denominações, aprofundando a compreensão das interfaces entre catequese, prática religiosa e saúde mental. Em síntese, ao examinar os sentidos construídos pela catequese assembleiana sobre o suicídio, o artigo evidencia que a espiritualidade pode operar simultaneamente como recurso de cuidado e como mecanismo de regulação moral. Reconhecer, qualificar e tensionar criticamente essa ambivalência constitui condição necessária para integrar, de modo ético, responsável e humanizado, a dimensão espiritual às estratégias contemporâneas de prevenção do suicídio em contextos religiosos nas duas lições analisadas.

Referências

Alencar, G. F. *Assembleias Brasileiras de Deus*: teorização, história e tipologia (1911-2011). 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1883. Acesso em: 15 jan. 2026.

Andrade, M. B. T. *et al.* O nexo entre religiosidade/espiritualidade e o comportamento suicida em jovens. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v. 16, n. 4, p. 109-121, 2020.

Baptista, D. Ética cristã e suicídio. *In*: Baptista, D. *Valores Cristãos*: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Lições do 2° Trimestre de 2018. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.

Berger, P. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Bourdieu, P. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas: Papirus, 1996.

Bourdieu, P. Gênese e estrutura do campo religioso. *In*: Bourdieu, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Braam, A. W; Koenig, H. G. Religion, spirituality and depression in prospective studies: a systematic review. *Journal of Affective Disorders*, v. 257, p. 428-438, 2019. Doi: https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.06.063.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. *Boletim Epidemiológico*, v. 55, n. 4: Suicídio no Brasil: mortalidade e notificações de violências autoprovocadas. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf/view. Acesso em: 20 jan. 2026.

Cellard, A. A análise documental. *In*: Poupart, J. *et al.* (org.) *A pesquisa qualitativa*: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

Costa, M. C. C. *O aggiornamento do pentecostalismo*: as assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010). 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6867. Acesso em: 15 jan. 2026.

Dias, E. G.; Mishima, S. M. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. *Revista Sustinere*, v. 11, n. 1, p. 402-411, 2023. Doi: https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.71828.

Duailibe, F. F. B. *et al.* Espiritualidade como fator de proteção do suicídio. *Revista FT*, v. 28, n. 134, 2024. Disponível em: https://revistaft.com.br/espiritualidade-como-fator-de-protecao-do-suicidio/. Acesso em: 20 dez. 2025.

Durkheim, É. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Esperandio, M. R. G.; Fernandes, M. L.; Hefti, R. Tentativa de suicídio, conflitos espirituais e cuidados em saúde mental. *Revista Abordagem Gestáltica*, v. 28, n. 2, p. 165-177, 2022.

Fundação Oswaldo Cruz. *Informe II – Saúde mental*: informes sobre a situação de saúde da juventude brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2025. Disponível em: https://fiocruz.br/documento/2025/12/informe-ii-saude-mental-ciclo-de-informes-sobre-situacao-de-saude-da-juventude. Acesso em: 20 jan. 2026.

Gandra, V. R. *"Nós somos pentecostais clássicos"*: cartografia dos processos de subjetivação nas assembleias de Deus. 2021. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357734. Acesso em: 15 jan. 2026.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/. Acesso em: 20 jan. 2026.

Lima Junior,E. B. *et al.* Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021.

Mariano, R. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Minayo, M. C. S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

Oliveira, B. C. D. *et al.* A experiência da espiritualidade no enfrentamento e prevenção do suicídio em pacientes com transtornos psiquiátricos. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 14, n. 11, e132141150075, 2025. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/download/50075/39168/509575. Acesso em: 20 dez. 2025.

Organização Mundial da Saúde. *Preventing suicide*: a global imperative. 2014. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241564779. Acesso em: 20 jan. 2026.

Renovato, E. O cristão, a eutanásia e o suicídio. *In*: Renovato, E. *Ética Cristã*: confrontando as questões morais. Lições do 3° Trimestre de 2002. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.

Saldanha, M. R.; Barbosa, G. L. Suicídio e sofrimento humano: a ética do cuidado como prática religiosa. *Caminhos de Diálogo*, v. 12, n. 21, p. 191-200, 2024. Doi: https://doi.org/10.7213/ cda12n21p191200.

Sá-Silva, J. R.; Almeida, C. D.; Guindani, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, 2009.

Stern, F. L. Metodologia em ciência da religião. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 9, n. 1, p. 138-160, 2020.